

Introdução

Elizete Passos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PASSOS, E. Introdução. In: *De anjos a mulheres: ideologias e valores na formação de enfermeiras* [online]. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 11-16. ISBN 978-85-232-1175-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Introdução

A segunda edição desse livro há muito se fazia necessária, visto que se trata de um estudo que foi publicado no ano de 1996 e, apesar da demanda, encontrava-se em edição esgotada.

De fato, não se trata de uma edição atualizada, nem acrescida. Primeiro porque a intenção da editora e da autora foi apenas colocar à disposição dos leitores interessados o estudo tal como foi feito originalmente e que continua sendo buscado e utilizado como material de pesquisa e de estudo; por outro lado, entenderam que o mesmo continua atual, por se tratar de um estudo de caráter histórico.

Assim, como está posto na Introdução da Primeira edição, o presente estudo pretende servir como **objeto de reflexão** a todas as mulheres enfermeiras, na perspectiva de que possam entender os **mitos e preconceitos** que têm envolvido a profissão ao longo dos tempos, visando ajudá-las a enfrentá-los e superá-los.

Para isso, procuramos seguir um caminho capaz de permitir tanto um enfoque teórico quanto prático, a fim de facilitar a compreensão da situação como um todo. Com esse objetivo, retomamos algumas das questões clássicas que tem perpassado a enfermagem em geral, e aproveitamos a experiência vivenciada pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia,¹ ao longo de cinquenta anos de sua existência, objetivando entender esses mitos e preconceitos de forma articulada. Buscamos enfrentar o problema sem **mistificações**, ou seja, sem **escamotear** a situação vivida pela enfermagem em geral e por aquela praticada ao longo dos 50

¹ A fim de evitar repetições e tornar o texto mais dinâmico, utilizaremos para identificar a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, também, Escola da Bahia e Escola de Enfermagem.

anos de existência da Escola de Enfermagem da Bahia, no que diz respeito à ideologia seguida, que tem servido para colocar a enfermagem como uma atividade que visa “proteger, fortalecer, e aliviar” a dor de alguém, a qual exige de quem a exerce espírito de servir, respeito à hierarquia, obediência às normas estabelecidas, assim como caridade, seriedade, abnegação, dedicação e competência, entre outros.

Nesse sentido, a perspectiva tomada foi a de Gênero, ou seja, de ver a educação ministrada na Escola de Enfermagem sob o ponto de vista feminista, isso porque o nosso interesse recai na preocupação de entender as **relações do poder** estabelecidas no seio da enfermagem, a **ideologia** que a tem alimentado, de modo a fazer com que a enfermagem seja vista como um trabalho feminino, e a enfermeira como um tipo de “anjo”, guardiã e protetora, deixando de lado seus interesses pessoais a fim de cumprir uma “missão”.

Essa compreensão da enfermagem e da profissão no Brasil tem sua origem no trabalho caritativo desenvolvido por religiosos na ajuda aos pobres, doentes e abandonados, embalados por uma **ideologia** que via nisso uma maneira de salvar não só o corpo como também, e principalmente, o espírito deles e dos seus pacientes.

Esse tipo de ideologia foi sendo absorvida pelas enfermeiras, de modo a verem a enfermagem como uma **vocação** que surgia em decorrência de um chamado de Deus. Nisso a enfermagem brasileira repetia o modelo desenvolvido por Florence Nightingale, na Inglaterra, a qual chegava a relacionar as leis da saúde com as leis de Deus. Segundo ela, os problemas da saúde se agudizavam pelo fato das mães e professoras não terem recebido os ensinamentos das leis de Deus e com isso ficarem sem condições de compreender também as leis da saúde.

Assim, o corpo e sua situação de saúde e de doença eram vistos como realizações divinas, e trabalhar para mantê-lo sadio, uma forma de **colaboração com Deus**. Com esse serviço, cumpriram outra “missão” religiosa que consistia em disseminar os **princípios cristãos**, ao tempo em que, através deles, controlavam as ações humanas e definiam sua forma de ser. Pois pelo zelo e dedicação passados pelas enfermeiras, veiculavam também o **conformismo** e a **aceitação**, próprios da doutrina católica e necessários à manutenção do poder. Quanto às enfermeiras, a ideia servia

para inculcar-lhes que o seu empenho e dedicação era uma das formas mais elevadas de prestar um serviço a Deus e ao próximo.

As escolas de enfermagem brasileiras tinham, no dizer de Waleska Paixão, como “denominador comum, a crença em Deus”, para ela, a única fonte da dignidade humana. Foi também sob essa orientação teórica que surgiu a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, no ano de 1946, com o apoio técnico da Escola Anna Nery e os auspícios do governo federal e da administração direta da Universidade que, também, se iniciava.

A preocupação primeira da Escola foi em encontrar candidatas com um ideal “altruístico, quer dizer, em comum com as profissões de saúde”, como afirmava sua primeira Diretora. A exigência foi reforçada pela mesma ao afirmar que a Escola precisava de “moças sérias e inteligentes e que se devotariam”. Desse modo, as condições exigidas das candidatas à enfermagem na Escola da Bahia não diferiam daquelas exigidas por Florence, no século XIX, ao afirmar que uma enfermeira precisava ser alguém com quem se pudesse contar, alguém que aceitasse deixar de lado seus desejos e seus interesses pessoais em benefício do outro.

Visando garantir essa performance, a Escola seguiu o modelo de **residência**, inaugurado com a Enfermagem Moderna, no século XIX, o qual além de ter objetivos práticos, como o de facilitar o estudo e os estágios, servia também para **controlar a conduta das alunas**, de modo a garantir o perfil desejado da enfermeira, que compreendia pessoas sérias, dedicadas, modestas e cumpridoras do dever. Assim, o sistema de internato era importante à medida que preservava a conduta das alunas, ao segregá-las do mundo e mantê-las sob permanente vigilância.

Também os currículos seguidos pelo Curso de Enfermagem na Escola da Bahia serviam para veicular e legitimar uma ideologia que fazia da enfermagem uma ocupação **dependente** e **secundária**, destinada ao sexo feminino. O Curso iniciou-se no final da década de 1940 com um caráter elitista, recebendo basicamente candidatas com o Segundo Grau e orientando-se teoricamente para a área da Saúde Pública, mas com um currículo que privilegia a enfermagem hospitalar. Na década de 1960, dirigiu-se para a área curativa e, durante a maior parte da sua existência, foi se adaptando aos interesses do poder constituído. Porém, no que diz respeito à formação

moral e à postura de suas profissionais, manteve quase inalterada, até final da década de 1970, uma orientação que levava a profissional a ser uma pessoa **abnegada, altruísta, devotada, e obediente às normas e hierarquias** estabelecidas.

Em contribuição à ideologia cristã que tem perpassado o ensino da enfermagem no Brasil e, em consequência, na Escola de Enfermagem, colocando a enfermeira como uma mensageira divina, os princípios morais que têm servido para orientar o comportamento dessas profissionais têm seguido uma inspiração metafísica e espiritual, sem vinculação com as condições concretas da sociedade.

Essa orientação visava desenvolver nas enfermeiras uma atitude moral rígida e desinteressada, só possível através da religião. Para algumas autoras,² sem ela seria impossível desenvolver uma “boa formação do caráter”, uma vez que ela é “[...] que dá vida à existência de um ser e os alicerces de uma formação sólida”. (BOCKWINKEL, 1962, 490) Assim, a voz da Igreja colocava-se como um “norte” para as profissionais e como a guardiã da profissão, reforçando-se com isso a postura de “anjos” das enfermeiras, ao tempo em que as afastavam da de profissional e de mulher.

As alunas da Escola de Enfermagem não só cumpriam essa “missão” nos hospitais, como, durante muito tempo, lançaram-se para a Enfermagem de Saúde Pública, fazendo visitas domiciliares, orientando, esclarecendo, socorrendo, sofrendo junto, o que as fez ser vistas pela população, nos anos cinquenta, como os “anjos azuis” da enfermagem, projetos de anjos “brancos”.

Esse conceito traz embutido significados que vão da **qualificação** à **desqualificação**. Ao tempo em que anjo é um ser querido, que todas as pessoas gostariam de tê-lo junto, assim, ele é uma entidade que não possui identidade própria, nem sexo e muito menos poderes para tomar decisões importantes, colocando-se como um mediador entre a figura maior e as pessoas a quem deve proteger.

O presente estudo procura identificar o perfil seguido pelas enfermeiras ao longo dos tempos, visando compreender como a Escola lidou com este **mito**, como enfrentou a histórica dicotomia entre **curar** e **cuidar** (a primeira tida como uma prerrogativa da medicina, e assim dos médicos

2 Entre elas Paixão Walesca (1956), *Ética profissional de enfermagem* e Bockwinkel (1962), *Formação moral da enfermeira*, entre outras.

e dos **homens**, e a segunda, como função da enfermagem, da enfermeira e da **mulher**), e que tipo de conteúdo valorativo ela passou para suas alunas, ao longo de sua história, em relação à postura que deviam ter diante dessa situação de desigualdade.

Procuramos identificar também os valores que têm definido a enfermagem como uma prática abnegada, de submissão, de doação e de servir, como eles foram se configurando ao longo das cinco décadas de existência da Escola. Bem como as consequências que as possíveis mudanças de mentalidade trouxeram para a condição da mulher baiana, principalmente em que momento o Curso de Enfermagem da UFBA ganhou identidade: a enfermagem, feições de profissão e a enfermeira ultrapassou o *status* de “anjo” e chegou ao de mulher.

Com esses propósitos, o trabalho está estruturado em quatro capítulos: a enfermagem e sua destinação feminina; a reprodução das relações de gênero na enfermagem brasileira; uma prática de formação de mulheres enfermeiras e Anjos e Mulheres.

No primeiro capítulo, **A enfermagem e sua destinação feminina**, procuramos estabelecer o estatuto da enfermeira discutindo o seu conceito, o seu objeto de estudo e de trabalho, e quem a tenha exercido.

O segundo capítulo, **A reprodução das relações de gênero na enfermagem brasileira**, visa identificar a ideologia subjacente na prática da enfermagem no Brasil, em especial, nas escolas de enfermagem, procurando compreender como ela definia o perfil da profissional de modo a reproduzir, ou não, as relações de poder entre os sexos. Assim, são analisados: o espírito de servir como sendo um princípio ideológico da enfermagem; respeito à hierarquia; a norma a serviço da reprodução das relações de gênero no seio da enfermagem e o perfil de uma enfermeira

No terceiro capítulo, **Uma prática de formação de mulheres enfermeiras**, analisamos a experiência educativa desenvolvida na Escola de Enfermagem, entre a segunda metade da década de 1940 até os anos de 1990, visando compreender em que ela servia para veicular valores capazes de legitimar a enfermagem como uma profissão secundária e dependente, própria dos anjos, e onde conseguiu superar essa tradição e atingir a situação de mulheres, ou seja, seres independentes e conscientes, capazes de traçarem os seus próprios caminhos. Assim, o mesmo discute: as bases

teóricas das escolas de enfermagem no Brasil; o perfil da Escola de Enfermagem da Bahia; a residência como uma forma de educação integral e o currículo como expressão de uma ideologia.

O quarto capítulo se intitula: **Anjos e mulheres**. Nele, procuramos entender como a escola de Enfermagem incorporou os conceitos e os preconceitos da enfermagem, onde manteve a visão conservadora de que a enfermeira precisava ser solidária, fraterna, devotada, de forma a esquecer-se de si mesma e de suas lutas. Por outro lado, considerando a dinâmica social e valorativa, buscamos identificar, também, os pontos em que aquela prática educativa conseguiu superar a tradição e percorrer um caminho diferente do até então seguido.

Desse modo, o capítulo contempla os seguintes temas: os “anjos” da enfermagem baiana; o perfil de anjos impõe-se sobre ao da mulher; o sentido implícito do fardamento; o papel intermediário dos “anjos”; a enfermagem baiana e seu investimento na formação do ser mulher; o engajamento político e seu processo libertador rompendo amarras; de olhos no social e uma visão do presente.

Para tanto, trabalhamos com artigos veiculados na *Revista Brasileira de Enfermagem* e na *Revista Baiana de Enfermagem*; com documentos do arquivo da Escola de Enfermagem, principalmente com a História Oral, através de entrevistas feitas com alunas da Escola e ex-alunas, bem como professoras e ex-professoras, diretora e ex-diretoras, funcionárias e ex-funcionárias, de modo a cobrir as cinco primeiras décadas de existência da mesma. As entrevistas serviam para levantar informações que os documentos não traziam ou apenas apontavam, assim como para comprovar informações e complementar outras, sendo, portanto, fonte preciosa para o presente estudo.

Com isso, o livro que ora apresentamos não consiste em um material “saudosista”, visando relatar a saga de uma instituição educacional. Ao contrário, acreditamos que ele serve como um elemento para despertar nas profissionais da área uma **tomada de consciência** sobre o processo de dominação a que a profissão sempre esteve submetida, bem como é mais um **instrumental a ser utilizado em sala de aula**, tanto para auxiliar na compreensão do estatuto da enfermagem, quanto em aspectos da sua história, e mais ainda, como sinalizador das **relações de poder** estabelecidos no seio da profissão.